

Nova galeria abre no CCB

Arte Periférica em Belém

A GALERIA Arte Periférica, um dos projectos mais inovadores na área da Grande Lisboa, abriu, na passada sexta-feira, uma sucursal no Centro Cultural de Belém (CCB). Longe de quaisquer apoios institucionais, vai assim consolidando um percurso marginal, no melhor sentido da palavra, no meio artístico português.

A Arte Periférica começou a sua actividade há pouco mais de três anos, num centro comercial de Massamá. Desde logo, a escolha do local, longe do centro de Lisboa, foi assumida como uma opção consciente. Conjuntamente com uma loja de artigos de artes plásticas, expunha artistas pouco conhecidos, ou por andarem ainda na Escola de Belas-Artes, ou por nunca se terem integrado no circuito galerístico e comercial de Lisboa.

Na altura, como agora, o capital pertencia inteiramente a um casal, Anabela e Pedro Reigadas, que ainda hoje afirma estar convencido de ter sido esta a única maneira de preservar a independência da galeria. Tentaram captar um público jovem, ainda estudante, e suscitar vocações colecionistas em potenciais clientes que não se identificam com as instituições que sustentam, na prática, muitas galerias. Dos artistas que revelaram, Rui Serra foi sem dúvida o que primeiro conseguiu alcançar projecção assinalável: participou na entrada da galeria no AR.CO., a feira de arte contemporânea de Madrid, este ano, e foi convidado a inaugurar a Ga-

PEDRO CUNHA



Alexandra Mesquita: instalação de cadeiras encostadas à parede

leria do Bar no Museu do Chiado, no passado mês de Julho. Quando a necessidade de renovar o espaço de Massamá e de se aproximar de Lisboa se fez sentir, o Centro Cultural de Belém surgiu como o mais barato.

Lugar aos novos

A exposição com que a Arte Periférica abre as portas em Belém inclui obras de três jovens artistas: Alexandra Mesquita,

cérebro, mapas do pensamento cujo "negativo" é um sexo feminino.

Catarina Leitão apresenta uma série de livros manufacturados e pintados. Nuns pode-se mexer; noutros, não. Quando se folheiam os livros, repara-se que algumas páginas exibem recortes, deixando ver o que está por baixo, uma colagem ou um desenho minucioso e minúsculo. No entanto, não há texto nem ilustração; ou, melhor, texto e ilustração fundem-se segundo um mesmo código plástico e indiferenciado. Na parede, alguns dos desenhos são expostos como quadros, com molduras que se assemelham à pintura escura que cobre os livros.

Vanda Vilela trabalha também entre a escultura e a pintura, a constante que funciona como o denominador comum entre os três artistas. No chão dispôs um conjunto de "carrinhos" cuja base pintada se pode associar entre si, como as peças de um puzzle. O carácter só parcialmente lúdico desaparece quando o espectador se apercebe dos acasos da percepção, e toma consciência de que está, afinal a ver. Outras peças, na parede, confirmam este conceito: podem ser transformadas em torno de um eixo ou de uma dobradiça (a única que não o permite tapa os contadores da electricidade), e de cada vez o olhar do espectador transforma uma peça que pode tomar um número de formas infinito. ■

Luísa Soares de Oliveira

Diariamente das 11 às 22h

Até 12 de Outubro

Catarina Leitão e Vanda Vilela. Por coincidência, Catarina Leitão já expôs numa outra galeria que teve um papel importante na revelação de jovens talentos: a Leo, entretanto encerrada.

Alexandra Mesquita mostra uma instalação constituída por uma série de cadeiras encostadas à parede. Por cima das cadeiras, ao nível de uma hipotética cabeça, e montadas como encosto e antolhos, estão três peças entre a escultura e a pintura: moldes de hemisférios do